

INCLUSÃO DIGITAL E O MUNDO DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

DIGITAL INCLUSION AND THE WORLD OF WORK IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

Ana Paula da Silva Menezes¹

ana.menezes@ufrgs.br

Juçara Benvenuti²

benvenuti@ufrgs.br

Resumo: O presente artigo traz uma reflexão acerca do trabalho interdisciplinar desenvolvido pelos os componentes curriculares Cultura Digital e Língua Portuguesa e Literatura, que tinham por objetivo com esse processo alcançar graus mais elevados de letramento digital e linguísticos ao utilizá-los como facilitadores na educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio Aplicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Explora-se, por meio dessa análise, como a inclusão das tecnologias de informação e comunicação (TIC) beneficiam a formação dos alunos e da escola como facilitador do acesso ao meio digital de forma consciente. Além disso, investigar quais as principais dificuldades encontradas com o público ao qual estamos direcionando as tarefas, tendo assim, mais facilidade para desenvolver tarefas com eles e dessa forma visualizar a componente curricular Cultura Digital como uma forma de emancipação do sujeito por intermédio da inclusão digital. Busca-se sintetizar como o professor deve agir diante das novas ferramentas de ensino, qual deve ser o grau de atuação do docente e a sua importância, mesmo frente a tantas tecnologias. Pretende-se, também, demonstrar como as ferramentas tecnológicas são úteis, não somente no dia a dia, mas também em disciplinas como português e literatura e, principalmente, no processo de letramento digital e linguístico desses alunos. O uso das tecnologias de informação e comunicação se tornam, inclusive, auxiliares no desenvolvimento dos educandos dentro e fora da escola, respeitando sua individualidade e contextos trazidos de suas experiências.

Palavras-chave: TIC; EJA; Cultura Digital; Português; Literatura.

Abstract: This article reflects on the interdisciplinary work between the curricular components of Digital Culture and Portuguese Language and Literature, which aimed, with this process, to reach higher degrees of digital and linguistic literacy by using them as facilitators in the education of young people and Adults (EJA) at Colégio Application, Federal University of Rio Grande do Sul. This analysis explores how the inclusion of information and communication technologies (ICT) benefits in the training of students and the school as a facilitator of access to the digital environment in a conscious way. In addition, to investigate the main difficulties encountered with the public to whom we are directing the tasks, making it easier for them to develop tasks with them and, in this way, visualize the Digital Culture curricular component as a form of emancipation of the subject through digital inclusion. It seeks to synthesize how the teacher should act in the face of new teaching tools, what the level of performance of the teacher should be and its importance, even in the face of so many technologies. It is also intended to demonstrate how technological tools are useful, not only in everyday life, but also in subjects such as Portuguese and literature, and especially in the digital and linguistic literacy process of these students. The use of information and communication technologies even become auxiliary in the development of students inside and outside the school, respecting their individuality and contexts brought from their experiences.

Keywords: ICT; EJA; Digital Culture; Portuguese; Literature.

1 Estudante de Letras – português e francês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Doutora em Educação pela FAGED, professora titular de Língua Portuguesa e Literatura, oferece oficinas e orienta Projetos de Investigação nas turmas de Educação de Jovens e Adultos do CAP/UFRGS, bem como desenvolve pesquisas interdisciplinares com esta modalidade de ensino.

1 Educação de Jovens e Adultos: múltiplas vozes, múltiplas formas de ensinar

Este artigo busca refletir a respeito da união entre as duas componentes curriculares Língua Portuguesa e Literatura e Cultura Digital no currículo escolar do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) do período noturno, no Colégio Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Busco, portanto, analisar como a inclusão de tecnologias de informação e comunicação (TIC) beneficia os alunos e a escola, estabelecendo conexões no ambiente digital de forma mais consciente. Além disso, possibilitar a compreensão das principais dificuldades encontradas com o público para qual direcionamos as atividades, percebendo como as tarefas realizadas em aula, de forma interdisciplinar, tornam-se formas de emancipação do sujeito. De acordo com os PCN, (2000 p. 88), a interdisciplinaridade atua como um eixo integrador e parte justamente da necessidade sentida pela escola, pelos professores e pelos alunos de apreender maior conhecimento de uma situação que afeta uma disciplina isolada, mas que pode ser objeto de olhar de outras disciplinas. Sendo assim, as componentes curriculares objetos desse estudo uniram-se para o desenvolvimento de atividades que pudessem possibilitar mais autonomia profissional para os educandos do ensino noturno do Colégio, bem como trouxessem sua inclusão no meio digital.

Tendo em vista que vivemos em uma sociedade cada vez mais tecnológica, e que atuamos nela diariamente, seja na necessidade de buscar informações, de opinar, de divulgar ou de buscar entretenimento, isto é, utilizamos constantemente as TIC em nossas vivências sociais, cabe à escola inserir em suas atividades o ensino dessa nova cultura, que hoje é tão popular, modificando também a sua forma de ensinar. As tecnologias de informação e comunicação estão presentes no nosso dia a dia em todos os contextos, tanto informais quanto formais, facilitando nosso acesso a diversas informações simultaneamente.

A inclusão do ensino de cultura digital no meio escolar pode auxiliar na qualificação do ensino ao permitir que o aluno faça conexão com os diversos conhecimentos disponíveis na internet além da facilidade em comunicação e na aproximação com diferentes opiniões e obras. Todavia, apresenta riscos se não utilizadas com inteligência e consciência. Tomamos como exemplo desses riscos a proliferação desenfreada de *fake news* nos últimos anos.

Nesse contexto, o oferecimento de educação digital inclui, nesse universo, os alunos que ainda não tiveram acesso às tecnologias, por fatores sociais ou até mesmo geracionais, assim como aqueles que já são usuários, tornando o ambiente mais educativo e rico para eles e aqueles que estão a sua volta. Além disso, a inclusão e a vivência com essas novas tecnologias também são formas de cidadania e um direito de todos.

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que perpassa toda a educação básica. Ela é destinada a jovens e adultos que não tiveram oportunidade de acesso ou condições de se manter na escola até a conclusão da escolarização. De acordo com o PARECER CNE/CEB Nº: 23/2008, p.3 “A educação de Jovens e Adultos representa uma [sic] outra e nova possibilidade de acesso ao direito à educação escolar sob uma nova concepção e um modelo pedagógico próprio e de organização relativamente recente”. Essa modalidade possibilita, desse modo, que os sujeitos concluam o ensino básico e possam desfrutar de melhores condições de vida, melhores empregos e, até mesmo, o sonhado ingresso no ensino superior.

A forma com que a modalidade é empregada no Colégio de Aplicação, de acordo com o Projeto da equipe de educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação UFRGS, (2019, p.11), consiste na reunião em blocos de conhecimento e não em disciplinas individuais, o que proporciona um ensino multidisciplinar, agregando diferentes formas de ensino, diferentes vozes e experiências. A metodologia adotada pelo colégio é a expositiva e dialogada, valorizando as experiências e vivências que os alunos trazem de suas trajetórias, fazendo com que os alunos sejam também agentes na construção do seu conhecimento, levando os aprendizados adquiridos para suas vidas profissionais e sociais.

Sendo assim, a escola tem como função contribuir para a emancipação dos sujeitos na sociedade, principalmente, para que estes consigam atuar de forma proativa no meio em que vivem, gerando também o crescimento da sua comunidade e da sociedade em geral, como afirma Lara (2010, p.7) ao reforçar que

A escola é o local e o momento contundente de todos para a conquista da cidadania e preparação para o mercado de trabalho, é necessário que seja flexível e dinâmica e ofereça meios de educação que propicie aos cidadãos conhecimento compatíveis aos exigidos pela sociedade global, preparando-os positivamente para atender a atual demanda da sociedade da informação e do mundo globalizado. (LARA. p.7, 2010).

Os argumentos de Lara reafirmam a necessidade da escola de incluir seus alunos, neste caso, os alunos da EJA, na era digital, pois, mais do que nunca torna-se uma necessidade que sejam cidadãos capazes de agir e de produzir no universo tecnológico, habilidades, essas, cada vez mais exigida no mercado de trabalho, no ambiente escolar e até mesmo em sua atuação como cidadão. Para tanto, o sujeito precisa estar familiarizado com as funcionalidades proporcionadas pelas tecnologias para que compreenda a importância desta aprendizagem.

1.1 A modalidade

As turmas de EJA possuem um caráter heterogêneo, pois apresentam sujeitos com motivações e com experiências muito distintas uma vez que são jovens, adultos e/ou idosos, de raças, gêneros e etnias diferentes, sem falar nos demais fatores como: econômicos, sociais, culturais, psicológicos, comportamentais, etc. Essas condições acarretam um certo distanciamento entre os alunos de uma mesma turma. Tudo isso também gera afastamento de certos conteúdos, como aqueles ligados ao mundo tecnológico. Assim como há alunos muito engajados com os veículos de comunicação propiciados pela internet, há também aqueles que somente ouviram falar pelos seus filhos e seus netos ou, ainda, que sabem apenas da existência desse novo universo, mas não tiveram acesso ou coragem de enfrentar essa nova realidade que se atualiza tão rapidamente. Nesse cenário, cabe, então, ao educador, utilizar-se de diferentes abordagens, tanto para conscientizar aqueles que já são usuários das tecnologias quanto para impulsionar aqueles que precisam ser incluídos nesse novo mundo.

A partir desse olhar, serão apresentadas algumas experiências em sala de aula em que os alunos foram orientados para a construção de uma carta de apresentação e de currículos profissionais. Além disso, houve um momento para falarmos sobre as populares *Fake News*, que tomaram conta do universo digital e que se têm, em sua maioria, a divulgação por usuários de tecnologias menos experientes. Como referencial teórico, usarei *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática docente* de Paulo Freire e *Ambientes Digitais – reflexões teóricas e práticas*, da professora Denise Bértoli Braga e outros materiais como artigos, teses e dissertações, com o objetivo de investigar, refletir e analisar a utilização das TIC dentro da escola, a sua relação com o ensino de Português e Literatura, a relação dos alunos da EJA com as tecnologias digitais e a sua importância no desenvolvimento escolar dos alunos.

2. Tecnologias: como torná-las aliadas do ensino?

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino voltada para o ensino de adolescentes, maiores de 15 anos, jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso ou não puderam, por motivos diversos, concluir sua escolarização no tempo hábil, ou considerado o ideal para o seu pleno letramento. Antes da Constituição Brasileira de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, a Educação de Jovens e Adultos era apenas complementar, como afirma Lara, (2010, p.4). Após a implementação da Constituição essa modalidade de ensino deixou de ser apenas uma forma de diminuição do analfabetismo, para fins de industrialização e passou a ser um direito fundamental, garantido pelo estado. Os principais motivos que levam esses alunos a retomarem seus estudos na EJA são variados, entre eles: necessidade de conciliar trabalho e estudos, necessidade de aumentar o grau de escolaridade por exigências trabalhistas ou de qualificação para concorrer a vagas

de emprego, em alguns casos até para a manutenção do emprego que já possuem, em outros casos, para a melhoria salarial ou ascensão social e trabalhista.

No entanto, não obstante o atraso na escolarização, o estigma negativo do analfabetismo e a dificuldade com eventos de letramento mais rebuscados, os estudantes do ensino noturno chegam na escola com uma nova dificuldade trazida pelo crescimento industrial: as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Como assevera Silva, (2020, 27), a partir da Terceira Revolução Industrial, no século XX, a indústria passa a necessitar de um trabalhador que possua habilidades para lidar com máquinas automatizadas o que acarreta aos trabalhadores menos qualificados a substituição por equipes de maior qualificação. Dessa forma, o que antes era exigido apenas que soubessem ler e escrever, agora há a informatização como uma nova exigência no mercado de trabalho e um novo fator de afastamento desses sujeitos do mundo letrado, tornando-se também mais um obstáculo a ser enfrentado em tão pouco tempo. E, ressalta-se que, a inserção de computadores e acesso à internet sem condizer com as necessidades desses alunos, sem o amparo e o auxílio para que consigam desenvolver as habilidades necessárias para operar nesse meio, acaba sendo um desserviço e um veículo de manutenção da exclusão

Como já mencionado, o caráter heterogêneo do público da EJA acarreta a uma nova dificuldade para o professor, pois, sua aula precisa acolher todas essas singularidades. Sendo assim, professor precisa então diversificar a forma de ensino, mesmo quando de um mesmo conteúdo, para cada aluno, conforme o nível em que ele se encontra. Torna-se de extrema importante que o educador enxergue esses educandos com um olhar que visualize cada história com a individualidade necessária, trazendo aquele aluno para o contexto escolar de forma que o aluno perceba seu período no ambiente escolar não como um desperdício de seu tempo, vindo esses, muitas vezes, de cargas exaustivas de trabalho.

Na construção de um novo olhar sobre a alfabetização de pessoas jovens e adultas, é necessário também reconhecer os sujeitos históricos que compõem essas classes na sua condição de mandatários de direitos, onde o direito à educação é parte deles. Isto significa que além de alunos ou jovens evadidos ou —excluídos da escola, antes de terem uma trajetória escolar truncada, eles carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e a sobrevivência (ARROYO, 2005, p.23)

Chamo atenção para o termo “alfabetização” utilizado pelo autor, que na perspectiva deste artigo, sendo atividades desenvolvidas com turmas do ensino médio, a terminologia adequada é “letramento” que vai muito além de ensinar habilidades de leitura e escrita, mas sim, o uso de competências de leitura e escritas em práticas sociais. Na perspectiva de Tfouni, (1995, p. 9), a alfabetização faz referência ao processo de aquisição da escrita enquanto mecanismo de aprendizagem de leitura e escrita, o que ocorre, em geral, por meio do processo de escolarização. O letramento possui um aspecto sócio-histórico do processo de aquisição de escrita, processos esses que capacitam o

sujeito a viver em sociedade, agir nela e com ela, ou seja, sejam capazes de participar das várias práticas sociais por meio da leitura e da escrita. Ou seja, o letramento objetiva explicar/estudar a capacidade do domínio de tecnologia de leitura e escrita para além da mera decodificação, mas, sim, na habilidade de uso social da leitura e escrita. Freire (1989 p. 11), esclarece que “o processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Dessa forma, o objetivo das atividades desenvolvidas com a turma de EJA buscavam alcançar graus de letramento mais elevados no ambiente digital, bem como no desenvolvimento da escrita por meio de atividades que possibilitassem sua atuação plena no ambiente profissional.

As TIC, portanto, devem promover a melhoria no aprendizado, ajudando no desenvolvimento de habilidades e competências linguísticas, sendo não apenas uma evolução tecnológica, facilitadora da comunicação, mas atuando também como uma ferramenta educativa, como afirma Miranda, em sua definição de TIC:

O termo Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) refere-se à conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na Internet e mais particularmente na *World Wide Web* (WWW) a sua mais forte expressão. Quando estas tecnologias são usadas para fins educativos, nomeadamente para apoiar e melhorar a aprendizagem dos alunos e desenvolver ambientes de aprendizagem, podemos considerar as TIC como um subdomínio da Tecnologia Educativa (MIRANDA, 2007, p. 43).

O que é, para a grande maioria da população jovem e letrada, ou seja, que possui habilidades para agir socialmente por meio da leitura e escrita e, neste caso, por meio das tecnologias de informação e comunicação, algo natural, de uso diário, para alguns alunos de EJA, que tem menos ou nenhum contato com essas tecnologias, é extremamente novo, complexo e distante ao seu olhar. Usa-se de tecnologia diariamente, ela tornou-se parte do nosso cotidiano. Está presente em nossos trabalhos, escolas e vida social. Hoje, paga-se contas, compra-se, locomove-se por aplicativos, entra-se em contato com amigos próximos ou mesmo aqueles distantes, lê-se notícias, publica-se notícias, e, cada vez mais, nosso cotidiano está condicionado ao uso de internet.

Além disso, o uso de tecnologias é também uma forma de exercer nossa cidadania, seja na biometria para o voto ou no compartilhamento de notícias em redes sociais. Agimos diariamente na sociedade por meio dela e o papel da escola é auxiliar nesse uso para que o alunado possa melhor exercer sua cidadania, ciente de seus direitos e deveres, exigindo respostas, refletindo sobre aquilo que leem e escrevem, questionando as informações recebidas e compartilhando conhecimentos. Logo, torna-se necessário que o professor se aproprie dessas ferramentas e as insira no contexto escolar, tornando-as úteis no ensino e aprendizagem, desenvolvendo no aluno a capacidade de usar e de agir com os dispositivos que estão os cercando.

Coelho, (2011, p 53) levanta a apropriação, pela escola, dessas novas tecnologias para transformar o ensino, não apenas inserir o computador no contexto escolar, mas renovar o modo de ensinar, explorando tudo que as tecnologias têm para oferecer:

As novas formas de aprender que surgiram a partir do desenvolvimento dessa cultura na sociedade contemporânea, ainda são um vasto campo a ser explorado no sentido de reconhecer o potencial existente nas tecnologias e as possibilidades de construir propostas pedagógicas para explorá-los nesse sentido. (COELHO, p. 53, 2011).

Mesmo com a utilização de tecnologias na escola, podemos cair no seu uso descontextualizado, não sendo assim, algo proveitoso para o ensino. O que torna para os alunos apenas como uma problemática e mais uma dificuldade para o seu aprendizado. Requer-se então, que se saiba utilizar da maneira mais adequada esses recursos, de forma que promovam o letramento do alunado e sejam facilitadores em seu processo de aprendizado e não novos empecilhos. Barbosa (2020, p.59), assegura em seus estudos que a articulação entre as tecnologias e o ensino seja pautado no fazer pedagógico e que trabalhe habilidades que são necessárias para o desenvolvimento do aluno, para que ele compreenda e utilize esses saberes e ferramentas de forma crítica e objetiva e não que o uso do equipamento seja realizado sem propósito, sem esclarecimentos e planejamento claros.

De acordo com a experiência vivida no Colégio de Aplicação, observa-se que as turmas da EJA têm um público muito diverso, desde jovens que não foram mais aceitos no ensino regular devido a mau comportamento, a idosos que não puderam concluir o ensino na sua infância/adolescência. Há presença de classes sociais distintas, mas, principalmente, aqueles com maiores dificuldades financeiras e falta de estrutura familiar. Neste quadro, temos, conseqüentemente, alunos com muita proficiência no uso de tecnologias, uso de redes sociais, *smartphones* e computadores, enquanto há alunos com a mesma faixa etária que nunca tiveram acesso a computadores. Brasileiro (2003, p.8) afirma que “O avanço tecnológico não gerou a correspondente democratização do acesso à tecnologia” o que nos diz muito desta realidade de exclusão e é função do educador intermediar o ensino, adequando o conteúdo para cada educando, inserindo-o da melhor maneira possível nesse ambiente tecnológico.

Portanto, a utilização de canais de acesso às tecnologias de informação e comunicação na escola promove a inserção deste aluno excluído, nesse meio, criando oportunidades de aprendizado, possibilitando que ele seja também agente na construção de seu conhecimento. Essa inserção no mundo digital com a orientação necessária do professor permite que ele desenvolva a capacidade de buscar, tratar e compartilhar informações de forma autônoma, adquirindo novos conhecimentos, produzindo-os e compartilhando-os. De acordo com Lara, (2010, p.1) “a escola deve promover a democratização do acesso às novas tecnologias e a produção de conhecimentos, pois são elementos fundamentais para o desenvolvimento econômico, cultural, político e social do país”. Com o apoio

pedagógico orientacional adequado, as barreiras geracionais, os contextos sociais e as experiências diversas não se tornarão um empecilho, mas, sim, um auxiliar, favorecendo o crescimento individual de cada aluno com a troca de experiências, fazendo que o conhecimento formal e informal caminhem juntos para a fluidez da aprendizagem, tornando a experiência da EJA mais rica e produtiva tanto para o discente quanto para o docente.

Dessa forma, o docente e o discente atuam conjuntamente no processo de ensino-aprendizagem, seguindo os pensamentos Freirianos, (1998, p.25), “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, o docente deixa de ser o detentor de todo conhecimento e passa a agir como um orientador, possibilitando que o educando trace sua trajetória na escola, formando cidadãos mais preparados, mais autônomos e mais conscientes, capazes de discernir diante das situações, reflexivos para com aquilo que leem e veem e que conseguem conciliar o conhecimento produzido dentro da escola com aquele que já possui de suas experiências. Assevera Freire, (1998, p.32) que, “saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo, coerente com este saber”. O professor deve, portanto, ser um mediador em sala de aula, respeitando os saberes trazidos pelos educandos, dando-lhes a liberdade de traçar, questionar e participar ativamente da sua construção e produção de conhecimento.

Além disso, não podemos deixar de levar em conta que, muitas vezes, aquele aluno que está familiarizado com o mundo tecnológico não está preparado para explorar a vasta carga de informações que a internet possui, não sendo capaz de refletir, ser crítico com aquilo que está lendo e produzir novos conhecimentos a partir disso, o que acaba produzindo uma série de compartilhamento de informações errôneas, manipulações midiáticas em massa, discursos de ódio etc. Para tanto, Braga explicita a necessidade de atuação do professor para capacitar e formar usuários mais conscientes no universo tecnológico:

Independentemente da nossa avaliação sobre vantagens e desvantagens que esses novos recursos trazem, é fato que eles já estão implantados nas práticas sociais. Cabe, portanto, aos educadores delinear caminhos que permitam a formação de indivíduos menos ingênuos e mais éticos, para que as possibilidades de circulação na rede sejam exploradas de forma individual e socialmente construtivas.” (BRAGA, p. 57, 2013).

Logo, como demonstra o argumento de Braga, (2013, p.57), a presença do professor não se torna desnecessária frente ao uso do computador como muitos pensam, torna-se de extrema necessidade para que o aluno seja orientado adequadamente, sabendo refletir, filtrar e agir de modo crítico com as informações que circulam em seu entorno. A educação digital com a orientação adequada do professor possibilita ao discente o desenvolvimento de capacidades que serão suporte na sua vida dentro e fora da escola, formando cidadãos mais conscientes de seus direitos e deveres, mais críticos, ativos na sociedade e mais responsáveis com aquilo que leem e compartilham. A educação

digital faz também com que ajam de forma mais ética e empática, uma vez que, a educação promove a emancipação desses sujeitos não apenas em relação às hierarquias sociais e profissionais, mas também no aspecto pessoal, suas tolerâncias, senso de justiça e solidariedade.

3. Um novo olhar para o ensino

Aqui serão relatadas, inicialmente, as atividades ministradas no componente curricular Língua Portuguesa e Literatura conjuntamente com a Cultura Digital com a turma do segundo ano do ensino médio do Colégio de Aplicação da UFRGS, no turno da noite. Após o relato das atividades, será apresentado o resultado das experiências.

Para contextualizar, as atividades a seguir relatadas ocorreram em diferentes dias, mas fazem parte do conjunto de atividades previstas para a turma, que conta com 22 alunos frequentes, seguindo a temática que norteia os trabalhos da turma do segundo ano do Ensino Médio (EM2). A temática das turmas varia de acordo com a seriação e para a turma exposta neste artigo, a temática trabalhada durante os seis meses de aprendizagem é o mundo do trabalho. Para tanto, são realizadas atividades que contemplem suas necessidades nesse universo como a produção de cartas de apresentação, currículos digitais e impressos, além de dicas para uma boa entrevista. São realizadas atividades como *curriculum vitae*, cartas de apresentação, comportamento em entrevistas, assim como atividades de anúncios e classificados. As tarefas de todo o semestre são apresentadas no final de cada etapa para a escola em formato de portfólios, construídos pelos alunos.

O colégio disponibiliza sala de informática e conta com um computador para cada aluno com acesso à internet, o que possibilita maior autonomia para os educandos para navegação e descoberta de funcionalidades do computador e de seu manuseio. Para as atividades em laboratório, reúnem-se junto aos alunos duas professoras, três bolsistas de Iniciação Científica e uma monitora de Português e Literatura.

Acompanhando diariamente os alunos, notou-se a necessidade verificar a utilização de *smartphones* pelos alunos. Por meio dessa análise, tivemos o conhecimento de que todos eles, desde os mais velhos aos mais jovens, eram usuários assíduos de celulares e *smartphones*. Esses suportes eram utilizados durante as aulas, no intervalo, para conversar com os colegas e mesmo com os professores e bolsistas. Embora demonstrasse tanta familiaridade e habilidades com essas tecnologias, quando solicitado que fizessem alguma pesquisa mais formal ou algo para as atividades que seriam desenvolvidas em sala de aula, eles não demonstravam o conhecimento ou habilidades necessárias para realizá-las, algumas vezes ficavam confusos com os comandos ou com as possibilidades de realização por meio da internet.

Com essa problemática, os professores e as bolsistas desenvolveram, conjuntamente, atividades que vinculassem o uso dos dispositivos móveis e computadores com as atividades elaboradas em sala de aula, para que houvesse aumento no desempenho dos alunos. Dessa forma, esses suportes tecnológicos se tornaram fortes aliados para sua aprendizagem, assim como grandes ferramentas de comunicação e informação nos contextos sociais e profissionais.

Aproveitando o momento em que estávamos, em 2018, durante as eleições presidenciais ao qual éramos bombardeados por *fake news* e sendo observado o perigo dessas notícias e como elas podem influenciar na nossa maneira de agir e ver o mundo, desenvolvemos um projeto de conscientização digital com os alunos para que fossem esclarecidas dúvidas, formas de prevenção e de como não disseminar essas falsas notícias em suas redes sociais.

O objetivo das atividades era que os alunos desenvolvessem capacidade de identificar as informações, os seus traços de veracidade, aprendessem a buscar em outras fontes a mesma notícia ou referências a respeito para maior segurança ao buscar por informações, além disso que percebessem a necessidade de ter atenção ao divulgar falsas notícias e acessar a sites pouco confiáveis. Dessa forma, fariam um uso mais atento e consciente das notícias veiculadas na internet e também sofreriam menos com as possibilidades de serem vítimas dessas falsas notícias.

Em um primeiro momento, apresentamos uma explicação do que era *Fake News*, demonstrando exemplos que circulam em nossas redes sociais e os sinais de falsidades da notícia. A partir desses exemplos, iniciamos uma discussão para dialogar sobre a prática, seus malefícios e como podemos ser agentes nessa corrente, mesmo que de forma inconsciente. Abordamos ainda quais cuidados devem ser tomados e como esse tipo de notícia influencia em nossa sociedade. Escutamos os relatos trazidos pelos alunos, pedimos que explicassem como aquilo havia os afetados e como procederam diante da situação. No segundo momento, passamos algumas notícias para que, em grupo, identificassem quais notícias eram verdadeiras e quais eram falsas, de acordo com o material apresentado. E após, expusessem para a turma, dando início a um debate entre os alunos e professores, acolhendo suas dúvidas e suas experiências, tornando-os autores das próprias reflexões, assim como, do conhecimento formado.

Essas atividades foram bastante esclarecedoras, visto que os alunos foram muito participativos, expondo suas dúvidas e questionamentos aos professores ministrantes, solicitando novos exemplos, discutindo entre eles os textos lidos tentando identificar os traços abordados para verificação das notícias. Também demonstraram ter entendido a gravidade da divulgação de *Fake News*, mesmo não havendo a intenção, trazendo, inclusive, recortes e experiências das suas vidas para comparar com aquilo que estava sendo apresentado para eles em aula.

Outra atividade que vou relatar também ocorreu com a EM2. Os alunos foram encaminhados para o laboratório de informática onde tiveram uma aula de apresentação usando o *Power Point*. A atividade era sobre currículos profissionais e cartas de apresentação profissional. Trouxemos as terminologias, a utilização, modelos e como fazer o devido preenchimento com suas informações. Em seguida, eles foram orientados a entrar no seu e-mail pessoal para encontrar a pasta da turma no *Google Drive*, ferramenta, essa, que eles usam frequentemente em sala de aula, e escolher um dos modelos apresentados para formatação. Após a escolha do modelo, acompanhamos cada aluno individualmente no preenchimento do *curriculum vitae*. Orientamos sobre como inserir as informações solicitadas, ensinando-os a buscar os dados das empresas trabalhadas anteriormente no *Google*, assim como datas, textos e modelos para se espelharem nas descrições. Seguido o preenchimento, auxiliamos na formatação do *curriculum vitae*, a buscar uma foto nos seus arquivos e como fazer *upload*. Seguidamente ao preenchimento do *curriculum vitae*, iniciamos a construção da carta de apresentação. Buscamos, no *drive*, os modelos de carta de apresentação, baixamos o arquivo e iniciamos o preenchimento das informações.

Nesta altura da aula, os alunos já entendiam a necessidade e a utilidade da carta de apresentação devido à exposição e ao diálogo realizados no início da aula. A parte que mais tiveram dificuldades no processo de escrita da carta foi encontrar adjetivos que os descrevessem, suas qualidades, pontos positivos e motivos pelo qual mereciam a vaga. Em geral, nota-se que a baixa estima também é um traço bastante forte nos alunos de EJA, em sua maioria, devido às dificuldades encontradas em toda sua vida, todas as negativas e desvalorização, sentem não ser suficientes para almejar grandes cargos, ou apenas afirmar suas qualidades profissionais e pessoais. Atuamos, neste cenário, auxiliando-os a perceber suas características positivas, o que trazem consigo que podem agregar a empresas e as pessoas em sua volta. A seguir, depois de ter o texto escrito, partimos para a formatação, definindo o tamanho de letra, centralização, espaçamento adequado, seguindo os exemplos vistos.

3.1 Analisando a prática...

O que nos causou surpresa no decorrer da atividade foi que, embora grande parte dos alunos já atuassem no mercado de trabalho há muitos anos, já haviam trocado de emprego diversas vezes, ainda assim, muitos não sabiam como elaborar um *curriculum vitae* digital ou escrever uma carta de apresentação. Ou seja, em um mundo rodeado por tecnologia, sites e aplicativos para buscas de emprego, envio de currículo por e-mail, o que facilita muito para aqueles que buscam oportunidades e possuem poucos recursos para sair à procura de novas vagas, muitos daqueles alunos não conheciam essas possibilidades e como já mencionado acima, todos possuíam acesso a celulares, à internet e às redes sociais. Neste sentido, trago o argumento dos autores Nascimento, Costa e Almeida 2015, p.10:

É importante que a escola e o currículo considerem os nossos alunos da EJA como sujeitos trabalhadores que estudam, havendo uma necessidade imperiosa de sua inclusão digital, para que possam exercer plenamente o direito à cidadania. Existe uma forte relação entre o currículo, a sociedade e o trabalho. O currículo não deve ser apenas ser uma lista de conteúdo; ele deve cumprir a função valorizar o contexto, os conhecimentos e as experiências dos jovens e adultos, nos quais a inclusão digital se faz necessária na conexão entre educação e trabalho” (NASCIMENTO, COSTA e ALMEIDA. p. 10, 2015).

Dessa forma, como ressalta o autor, o currículo escolar deve abordar as peculiaridades dos alunos da EJA e ser um facilitador para sanar suas necessidades de inserção no meio. Esses alunos que, em sua maioria, são trabalhadores e futuros profissionais, necessitam então que o ensino seja voltado para a necessidade do mercado profissional, assistindo-os desde o processo de busca de vagas, preenchimento de currículos e até mesmo no comportamento adequado para uma boa entrevista. Sendo essas algumas das preocupações do público do ensino noturno.

Dentro desta realidade, o professor exerce sua função de mediador, preparando esse aluno para o mundo tecnológico, para que ele tenha autonomia e preparo para crescer nesse universo em que ele está excluído. Sem jamais negligenciar que este educando está inserido nesta sociedade e atuando diariamente nela, não podemos, enquanto professores, desvalorizar os conhecimentos já trazidos por eles nem deixá-los de fora nesta nova realidade.

À vista disso, o aluno deve sentir que sua trajetória importa e que ela tem importância dentro e fora da sala de aula, que suas experiências são momentos de aprendizado e que jamais se deve fazer com que se sintam inferiorizados ou humilhados pela forma que vivem ou mesmo por aquilo que relatam em sala de aula. Todo conhecimento deve ser abordado e valorizado para a construção do aprendizado.

As bolsistas e professoras auxiliaram em todos os momentos, cada aluno individualmente, ajudando na abertura do e-mail, a baixar os arquivos, as edições necessárias para cada aluno, como apagar, colar, copiar, auxiliando na escrita, em vocabulários, pesquisas, e para finalizar como encaminhar para o e-mail das professoras de Português e de Cultura Digital.

Apesar de toda a dificuldade, foram atividades muito importantes para nós e para os alunos. Após conferidas e feitas as devidas correções, os currículos foram impressos e entregues aos alunos. O resultado mais importante dessa atividade, além de que todos aprenderam a criar currículos e cartas de apresentação, o que será de grande importância nas suas vidas fora do ambiente escolar, foi que alguns alunos ainda tiveram entrevistas marcadas nas semanas seguintes, após o envio dos *curriculum vitae* confeccionados em sala de aula, o que tornou a experiência muito mais gratificante para nós e para eles.

4. Considerações Finais

Apesar de o projeto de ensino se dar apenas em dados qualitativos e descritivos, pude visualizar esta modalidade de ensino com maior detalhamento, vislumbrando o caminho percorrido até hoje, a busca de emancipação de cada aluno e mesmo da modalidade em si, suas dificuldades e SUAS conquistas ao decorrer dos anos.

A revisão bibliográfica foi realizada para a análise de dados qualitativos para a construção desse estudo foi por meio de pesquisa de referências que tratassem a temática de tecnologias de informação e comunicação na EJA e ensino das TIC em geral. O resultado referente à revisão bibliográfica foi incorporado de forma bastante sucinta, devido à brevidade que requer um artigo, no desenvolvimento, trazendo um pouco sobre o que é a EJA, qual o objetivo que leva à procura por essa modalidade de ensino, como o professor deve atuar diante das novas tecnologias e por que ser esse um conhecimento necessário na atualidade.

Por meio da revisão bibliográfica, pude detectar sinais que apontam para o descaso governamental, em particular, para com essa modalidade de ensino; como professores sem formação, laboratórios fechados para o turno da noite, ensino descontextualizado, não valorização do conhecimento dos alunos, reprodução da forma tradicional do ensino regular, desconsiderando as especificidades da EJA.

No entanto, por meio dessas observações, consegui perceber outra realidade dentro do Colégio Aplicação da UFRGS, talvez por ser neste local especificamente e possuir aparatos tecnológicos disponíveis para todos os alunos, ter mais de uma professora em sala de aula, o que facilita o contato direto com os alunos e reservando mais tempo para aqueles que apresentam mais dificuldades. Dentro da EJA no colégio de Aplicação, os alunos têm acesso a todos os laboratórios, aulas de teatro, música, artes visuais, há uma disciplina voltada para o ensino de cultura digital atuando conjuntamente com os demais componentes curriculares possibilitando que os educandos tenham acesso a computadores, durante toda a semana, fazendo pesquisas para diferentes áreas do conhecimento, trabalhos interdisciplinares e desenvolvendo intimidade com as tecnologias, tornando-as parte do conhecimento adquirido dentro da escola e sendo uma facilitadora nesta aquisição.

Outra análise realizada foi em relação aos cuidados que a EJA requer, como: atenção, objetividade no ensino, práticas educativas mais inclusivas e contextualizadas à realidade dos alunos e que facilitem o seu desenvolvimento na sociedade em geral, formando cidadãos mais autônomos, críticos e ativos no meio social. Focalizando o ensino naquilo que os traz para a escola que é melhoria de vida, busca de melhores condições profissionais, passar no vestibular e incentivar filhos e netos. A EJA, em particular, é um espaço cheio de sonhos, de vontades e de negações, devemos assumir nesse

espaço não apenas a tarefa de construir conhecimento e compartilhar informações, mas também considerar que esses sujeitos receberam muitos não em suas vidas, tiveram muitas vezes os seus sonhos negados e junto com essa procura de conhecimento, de informação também há a busca incessante por sonhos e realizações, portanto, o profissional atuante na EJA também é aquele que dá perspectivas, direcionar o caminho e abre as portas para que eles possam sonhar e transformar estes sonhos em realidade por meio do conhecimento e de uma educação acolhedora e emancipadora.

Referências

- ARROYO, Miguel G. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel G.; NOSELLA, Paolo. Educação e cidadania: quem educa o cidadão?. 13 ed. São Paulo, Cortez, 2005. Disponível em: <https://bds.unb.br/handle/123456789/111>. Acesso em: 28/11/2021.
- BARBOSA, Miriam Lúcia. Tecnologias digitais e seus usos na educação de jovens e adultos (EJA): contribuições para a inclusão digital. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Diamantina, 2020. Disponível em: <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/2360>. Acesso em: 28/11/2021.
- BRAGA, Denise Bértoli. Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas/ Denise Bértoli Braga. - 1. ed. - São Paulo: Cortez, 2013.
- BRASIL. Parecer CNE/CEB 23 de 2008. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Distrito Federal. 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb023_08.pdf. Acesso em: 28/11/2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/BasesLegais.pdf>. Acesso em: 28/11/2021.
- BRASIL. Proposta de Diretrizes Operacionais de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb023_08.pdf. Acesso em: 25/11/2020.
- BRASILEIRO, Sheilla A. Juventude.com.br: a inclusão/exclusão digital de jovens alunos do ensino noturno. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-85CNTG>. Acesso em: 28/11/2021
- COELHO, Lívia Andrade. As relações dos alunos da EJA com as tecnologias digitais: implicações e possibilidades na vida de cada um 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9254>. Acesso em: 28/11/2021.
- COLÉGIO DE APLICAÇÃO – UFRGS. Projeto da equipe da educação de jovens e adultos do Colégio de aplicação da UFRGS. 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/colégiodeaplicacao/wp-content/uploads/2020/11/Projeto-EJA-2019-para-Comen-convertido.pdf>. Acesso em: 28/11/2021.
- COSTA, Elimara O. BIFANO, Amélia C. S. Idosos e Tecnologias: Uma pesquisa Bibliográfica. Estud. Interdiscipl. Envelhec., Porto Alegre v. 22, n 2, p. 113-131, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/65329> Acesso em: 28/11/2021.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- LARA, Pedro José de. Os desafios da Educação de Jovens e Adultos na sociedade da informação. 2010. Disponível em: http://need.unemat.br/4_forum/artigos/pedro.pdf Acesso em: 28/11/2021.

MIRANDA, Guilhermina Lobato. Limites e possibilidades das TIC na educação. Sísifo/ Revista de Ciências da Educação. N.º 3. 2007. Disponível em: <http://ticsproeja.pbworks.com/f/limites+e+possibilidades.pdf> Acesso em: 28/11/2021.

NASCIMENTO, Júlio M. de M. COSTA, Roberta D. Agneses da. ALMEIDA, Caroline M. Martins de. Inclusão Digital e a Educação de Jovens e Adultos (EJA): Uma breve revisão bibliográfica. 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21130_10464.pdf. Acesso em: 27/02/2020.

NÁPOLES, Neusa Nogueira. O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação de Jovens e Adultos: Visão de alunos e professores de uma Escola Municipal de Belo Horizonte. 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp120927.pdf>. Acesso em: 28/11/2021.

SILVA, Francine Maria Cruz da. Jovens na EJA: entre o direito à educação e o estigma. 2020. Trabalho de conclusão de curso - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/14396>. Acesso em: 28/11/2021.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização - 8Ed - São Paulo, Cortez, 2006 – (Coleção Questões da Nossa Época; v.47).